

Espólio arqueológico da América pré-colombiana em Portugal

J. A. GONÇALVES GUIMARÃES*

RESUMO

Existe espólio arqueológico da América pré-colombiana em Portugal? Esta questão, posta assim de repente a qualquer arqueólogo ou museólogo, demorará com certeza um certo tempo a ter uma resposta e provavelmente encontrará sem ela o estudante comum, não apenas porque o conceito tem de lhe ser explicitado, mas também porque os *curricula* universitários portugueses de História, Arqueologia e Antropologia não incluem, normalmente, o estudo dos povos assim denominados. A não ser que tenha já visitado o Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, e se lembre dos corpos mumificados de dois jovens ameríndios aí expostos com mais alguns objectos; ou as cinco peças expostas no Museu da Farmácia, também em Lisboa. Mas de tal espólio há muito mais em Portugal e grande parte dele ainda inédito.

Esta é uma primeira tentativa de levantamento e de sensibilização patrimonial para a sua existência.

Palavras-chave: América - pré-colombiana – colecções arqueológicas - Portugal

* Arqueólogo; docente universitário, director do Solar Condes de Resende – Canelas – 4405-239 V. N. Gaia. Telef.: 227625622

ABSTRACT

The question of whether there are objects of Pre-Columbian American art in Portugal, may take some time to answer when posed to the archaeologist or museologist. A student may not find the answer at all, the reason being that the concept has never been explained to him/her, and the study of Pre-Columbian American cultures is usually not included in Portuguese University curricula of History, Archaeology and Anthropology. This situation may be otherwise after a visit to the Museu Arqueológico do Carmo, Lisbon, where the visitor may recall seeing the mummified bodies of two young Amerindians exhibited alongside some artefacts; or the five objects in the Museu da Farmácia, also in Lisbon. There is, however, more in Portugal, but mostly unknown.

This study forms a first attempt to survey such materials and to create an awareness of their existence.

Key-words: Pre-colombian America – archaeological collections - Portugal

1. EM BUSCA DA ARQUEOLOGIA PRÉ-COLOMBIANA

Por razões profissionais e académicas tenho vindo a referenciar algumas colecções de espólio arqueológico ou etnoarqueológico *exótico* existentes no Solar Condes de Resende e, por comparação, noutras instituições portuguesas, dando-as a conhecer e tentando proporcionar o seu estudo a especialistas na respectiva área¹.

Tendo já sido “obrigado”, também pelas mesmas razões, a ter de reflectir sobre o património arqueológico não europeu,² a existência nestas colecções de espólio proveniente de África, do Brasil, das Américas ou do Oriente, tem para mim um interesse imediato como objecto de estudo nas áreas de História da Cultura e dos Contactos Culturais, e da Museologia, se outras mais não existissem.

Desta vez trata-se de fazer aqui uma singela abordagem à existência de espólio pré-colombiano e, mais concretamente, mesoamericano, em colecções portuguesas, pois do mesmo existe um desconhecimento quase total por parte do público em geral e dos arqueólogos ou museólogos em particular, tirando, obviamente, os poucos investigadores portugueses que a tal se têm dedicado e que indicamos na bibliografia deste trabalho.

Antes de mais, comecemos por explicitar alguns conceitos que às vezes andam sobrepostos, mas as mais das vezes confundidos. Chama-se “arqueologia

¹ A este propósito veja-se J. A. Gonçalves Guimarães, 1998, em particular a nota 6, p. 35 e 2002, em especial as p. 108-109.

² Cf. J. A. Gonçalves Guimarães, 2001. Em 1997 leccionei “Património Português em África. Património Africano em Portugal”, num curso de extensão universitária denominado “África no contexto das relações internacionais da época contemporânea” organizado pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Entendemos que só há arqueologia pré-colombiana a partir de manifestações *específicas* dos povos “americanos”. Até aí o seu estudo deve incluir-se na Pré-história geral da Humanidade.

pré-colombiana” ao estudo dos vestígios, estruturas e objectos criados pelos povos do Novo Mundo, desconhecidos dos europeus até à chegada de Colombo e à divulgação “universal” da sua existência ³.

Portanto é *pré-colombiana* a arqueologia dos povos do Canadá, da Patagónia, do Brasil, do Peru ou do México, por exemplo, enquanto não tocados pela influência da colonização europeia, desde os seus mais antigos vestígios de organização social ou, “civilizacional”, até aos finais do século XV e XVI, ou mesmo seguintes, conforme a data do início dessa colonização num dado lugar concreto.

Reserva-se a denominação “arqueologia mesoamericana” para a de uma área mais restrita do continente, com uma conotação geográfica, mas sobretudo cultural e cronológica: «Mesoamérica é o termo proposto por Paul Kirchhoff para indicar o complexo cultural da área compreendida entre os paralelos 17° e 22° a norte do equador, mais ou menos entre Copán, nas Honduras, e La Quemada, no México setentrional. Esta faixa compreende pois as antigas culturas do México e a civilização Maia. Estas culturas distinguem-se das outras do Novo Mundo por uma série de elementos comuns característicos: a escrita em hieróglifos; a presença de livros com páginas em forma de acordeão de papel de agave, de *figus* ou de pele de veado; um calendário complexo; mapas geográficos; óptimos conhecimentos astronómicos; um jogo de pelota semelhança à pelota basca; a prática de guerras orientadas para a obtenção de vítimas para sacrifícios; sacrifícios humanos; auto-sacrifício; uso do tabaco; e um panteão extremamente complexo e uma relativa uniformidade cultural, que se evidencia nas técnicas agrícolas, nos produtos cultivados e na dieta, baseada no consumo do milho, feijão e cabaças, além de outros produtos» ⁴.

Para outras áreas, povos e culturas das Américas do Norte, do Centro e do Sul culturalmente homogéneas, quer as estudadas ou as quase desconhecidas, usa-se habitualmente outros termos como “cultura pueblo”; “cultura de Adena”; “povos da Amazónia”, etc.. Não nos competindo discutir aqui estes conceitos, apenas os registamos por serem vulgares na bibliografia consultada.

2. AS COLECÇÕES EUROPEIAS

«Desde o seu início, a investigação arqueológica nas Américas desenvolveu-se, entre conquistadores e exploradores, sob o signo da aventura, do acaso, do

³ As mais recentes investigações arqueológicas e etnoarqueológicas parecem confirmar o contacto e a possível colonização da América pré-colombiana por povos asiáticos, nomeadamente chineses e/ou japoneses, que atravessaram o Pacífico; cf. *As grandes descobertas da Arqueologia*, 1996, vol. 10., p. 10.

⁴ *Idem*, p. 64. Acontece que às vezes alguns autores extravasam estas características para outras áreas das Américas, que as têm diversas, o que gera algumas confusões nos textos de divulgação.

amadorismo e da fantasia»⁵, a que acrescentaríamos o preconceito religioso e ideológico da supremacia da cultura europeia sobre as recém-descobertas, acompanhado de enorme sanha destruidora contra o quotidiano desses povos e um enorme desejo de rapina por tudo o que pudesse ser transformado em riqueza no Velho Mundo.

Felizmente alguns espíritos mais esclarecidos não pensavam assim e por isso mandaram para a Europa pessoas, animais, objectos e documentos, as suas representações ou reproduções, com o intuito enciclopédico de preencher o vazio bíblico que os povos do Novo Mundo significavam para os espíritos mais cultos da Europa do Renascimento e do Iluminismo. Assim se iniciaram as colecções europeias de arqueologia pré-colombiana que encantaram os Medici e outros coleccionadores de Bolonha, de Milão e, em Roma, o próprio papa Bento XIV.

É assim que um pouco por todo o continente existem documentos, estatuária e peças esculpidas, iconografia, cerâmica, ourivesaria e outros artefactos destas culturas, pelo menos nos seguintes arquivos, bibliotecas e museus:

- Espanha: Biblioteca Nacional; Museu Arqueológico Nacional; Museu da América, todos em Madrid; Museu de Mérida;
- França: Arquivo Histórico da Marinha; Biblioteca Nacional, ambos em Paris;
- Itália: Biblioteca Vaticana, Museo Pigorini, Roma; Museu Numismático, Turim; Galeria Uffizi e Museo degli Argenti, ambos em Florença;
- Inglaterra: British Museum, Londres; Biblioteca Bodleiana de Oxford;
- Alemanha: Museu Etnológico de Leyden; Museu de Etnologia de Berlim; Landsmuseum de Estugarda;
- Suíça: Museu de Etnologia de Basileia;
- Áustria: Biblioteca Nacional de Viena.

Mas com certeza muitos outros objectos ou colecções haverá em museus públicos e privados. E não falamos aqui nas importantes colecções de diversos museus da América do Norte e Central, os quais se encontram em profunda remodelação devido ao facto dos ameríndios do Canadá, dos Estados Unidos, do México e de outros países estarem nos últimos anos a exigir a devolução desse espólio às organizações dos povos a quem foram espoliados ou, pelo menos, o seu correcto enquadramento histórico e museológico, sem o exclusivo da óptica do colonizador.

⁵ *Idem*, p. 15. Nesta obra colectiva colaboraram, na revisão científica, Amílcar Guerra, João Zilhão e Joaquim Ramos dos Santos, docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Uma das mais interessantes colecções europeias é com certeza a do *Museo Nazionale Preistorico Etnográfico Luigi Pigorini*, em Roma, que em 1993 organizou a exposição *Prima America: Gli oggetti americani nelle "Camere delle meraviglie"*, sob a coordenação de Carlo Nobili, que procurou mostrar a história desse primeiro encontro entre europeus e ameríndios, através de documentos e imagens coevas, bem assim como o percurso dos diversos objectos expostos desde a terra e povo de sua produção até às diversas colecções europeias. Aí podiam ser vistos objectos das seguintes culturas: Taino; Azteca; Azteca-mixteca e *idem* da tradição mixteca-puebla.

No mesmo ano, esta instituição realiza uma outra exposição intitulada: *I Moche: um antigo popolo del deserto peruviano*, com uma notável colecção cerâmica das culturas mochicas de Cupisnique, Vicu-Vicús e Salinar, a qual resultou «do progressivo desaparecimento da cultura Chavin que tinha unificado parte do Peru através da difusão da sua ideologia e dos seus modelos artísticos» (Claudio Cavatrunci, coord., 1993).

Obviamente que hoje já não estamos perante o diletantismo oitocentista e a realização destas exposições requereu o concurso de profissionais credenciados nas áreas da Arqueologia Pré-colombiana, da História da Expansão europeia, da Museologia, da Conservação e Restauro, e do Património. E convenhamos que não há muitos especialistas para o estudo e divulgação destas culturas e das suas colecções existentes na Europa.

3. AS COLECÇÕES PORTUGUESAS

Como é sabido, Portugal ficou-se, na América do Sul, pelo imenso Brasil, deixando o mito do "El Dorado" para os espanhóis e seus seguidores. E da América do Norte, se é certo que os portugueses descobriram a Terra Nova e de lá Gaspar Corte Real «... mandou um navio com certos homens e mulheres que achou na dita terra...» (Luís de Albuquerque, 1985, p. 284), deles parece não restar espólio ou memória que ficasse, ou que o terramoto de 1755 não levasse. Por isso em Portugal existe apenas muito espólio brasileiro proveniente das grandes expedições da segunda metade do século XVIII e inícios do XIX, que na realidade não têm espólio pré-colombiano *strictu sensu*, pois, tirando algumas excepções arqueológicas, quase todo ele é da época pós-cabralina, e portanto dos últimos quinhentos anos ⁶.

⁶ Sobre o espólio brasileiro existente ou mostrado em Portugal, veja-se: António Sérgio dos Santos Pereira, 1995, com prefácio do autor do presente artigo, e a sua bibliografia; Em algumas destas obras são equacionadas as possíveis relações ou influências das culturas andinas pré-colombianas com os diversos povos brasileiros e, em particular, com a cultura marajoara.

Entre nós o primeiro a interessar-se pela arqueologia pré-colombiana, como amador, foi efectivamente o barão, visconde e depois conde de S. Januário, de seu nome Januário Correia de Almeida, nascido em Paço de Arcos a 31 de Março de 1829 e ali falecido a 27 de Maio de 1901.

Frequentou a Escola do Exército e seguiu a carreira das armas, tendo também passado pela Universidade de Coimbra, onde se bacharelou em Matemática e Filosofia, tendo depois voltado à Escola do Exército onde concluiu o curso do Estado-Maior em 1856, tendo chegado a general de divisão em 1896.

Em 1857 foi nomeado director das Obras Públicas de Cabo Verde. Em 1860 foi nomeado governador-geral interino dessa colónia, tendo ali deixado obras que ainda hoje permanecem. Regressado a Portugal, foi director das Obras Públicas de Braga e Viana do Castelo, governador civil do Funchal, de Braga e do Porto, tendo promovido nesta última cidade a Exposição Internacional de 1865 que inaugurou o Palácio de Cristal.

Em 1870 foi como governador-geral para a Índia, em 1892 foi governador de Macau e Timor e em 1874 foi nomeado ministro plenipotenciário na China, Japão e Sião. Regressado a Lisboa no ano seguinte, foi um dos fundadores da Sociedade de Geografia, de que foi presidente honorário. Em 1878 foi nomeado encarregado de negócios junto de todas as Repúblicas da América do Sul, tendo como tal organizado o serviço consular e realizado vários tratados comerciais. Em 1880 foi nomeado par do Reino, vindo a ser ministro da Marinha e do Ultramar e em 1886 ministro da guerra. Em 1896 viria ainda a ser comandante da 1ª Divisão Militar, do Estado Maior e da Escola do Exército (*Nobreza de Portugal*, 1989, vol. III, p. 320-321).

Foram as colecções por si recolhidas na América Central e do Sul, entre 1878 e 1879, que vieram enriquecer o acervo do Museu Arqueológico do Carmo, onde hoje se encontram⁷.

3.1. Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa

Nesta colecção destacam-se as peças das culturas Mochica e Chimú.

Os mochicas estabeleceram-se na costa norte do Peru nos inícios da nossa era até cerca de 600 d.C., tendo sido dominados ou substituídos pelos chimus cerca de 1200.

Os primeiros dedicavam-se à agricultura, através de engenhosos sistemas de irrigação, à pesca e ao comércio. Foram hábeis metalurgistas da prata, ouro e

⁷ Sobre a ligação do Conde de S. Januário ao Museu Arqueológico do Carmo, e mesmo o seu retrato, ver Ana Cristina Martins, 2002, p. 31

cobre, óptimos tecelões e notáveis ceramistas, deixando peças em pasta clara que representam cenas naturalistas de animais, e figuras humanas em situações cerimoniais, de sacrifício, de pesca, de guerra e eróticas, de entre as quais se destacam os vasos-retratos que representam prováveis cabeças de xamanes ou guerreiros.

Desta cultura existe neste museu uma moringa em forma de felino.

Os chimus, embora se tenham inspirado nos mochicas, nunca conseguiram atingir a sua perfeição e, além do mais, às cerâmicas claras preferiam as negras, obtidas por cozedura em forno redutor e posteriormente brunidas. Fabricadas através de molde, nos seus padrões artísticos destacam-se as formas que recriam elementos naturalistas, como frutos, legumes e animais terrestres e aquáticos.

Quando se inspiram em figuras humanas, os temas são o trabalho, a caça, a dança, a pesca e o erotismo. O reino chimu foi conquistado pelos incas em 1476.

Na colecção do Museu de Arqueologia do Carmo exibem-se algumas moringas e bilhas lisas com duas asas desta cultura.

Presente também a cultura Chancay que se desenvolveu a norte da actual cidade de Lima entre 1200-1245 d.C., caracterizada sobretudo pelos seus imensos cemitérios localizados nos vales semidesérticos. Em câmaras ou poços, ou ainda em simples covas cavadas no solo, enterravam os seus mortos acompanhados de objectos cerâmicos muito toscos, geralmente decorados a negro sobre fundo branco. São características as *cuchimilcos*, pequenas figuras femininas em barro.

Mas mais que ceramistas, os chancay foram tecelões de magníficos tecidos de lã ou algodão com desenhos geométricos, quer as tramas mais grossas, quer as gazes de algodão com desenhos estampados. Quando em 1245 foram conquistados pelos chimus, os seus tecelões foram levados para Chan Chan, onde continuaram a trabalhar.

Os seus outros artesãos foram igualmente bons ourives e metalúrgicos, nomeadamente do cobre.

Neste Museu existem dois corpos chancay mumificados, que se apresentam em posição fetal, um de mulher jovem e outro de rapaz, ambos acompanhados de objectos rituais funerários, nomeadamente em cobre, os quais representam divindades, além de pulseiras, ornamentos para a cabeça, fusos com lã, tecidos, cabaças, *chuspas* (bolsas para coca) feitas em malha de lã de lama e decoradas com desenhos geométricos.

Existem ainda aqui as cabeças de dois adultos, uma masculina e outra feminina, provenientes, tal como os dois mumificados jovens, de um cemitério próximo da praia de Ancón, a norte da actual cidade de Lima, no Peru.

Uma das peças mais impressionantes desta colecção, do ponto de vista artístico-cultural, é uma estatueta de pedra, infelizmente proveniente de local desconhecido.

Na colecção existem ainda outros artefactos, de argila e madeira, provavelmente originais do Brasil, México e Equador, os quais estão em estudo⁸.

3.2. Museu da Farmácia, Lisboa

Fundado em 1981, através da doação da colecção do Dr. Salgueiro Basso à Associação Nacional de Farmácias, a partir de então este Museu procurou sensibilizar os seus associados para doarem ou nele depositarem peças antigas da ciência farmacológica que possuam, passando à sua recolha, classificação e inventariação.

De entre as muitas e raras peças que possui, oriundas, por exemplo, do Antigo Egipto, da Grécia, do mundo islâmico, do Tibete e da China, do Japão, da Europa, naturalmente de Portugal, de África e da Índia, tem no seu catálogo (*Tesouros do Museu da Farmácia*, 2001, p. 41-43) cinco peças das culturas pré-colombianas, sendo quatro do México e uma do Peru, a saber⁹:

- Figura de dignitário deficiente e doente, em cerâmica modelada e pintada, atribuída à cultura Nayarit do México (100 a.C. – 250 d.C.).
- Recipiente antropomórfico representando um corcunda, em cerâmica pigmentada, atribuído à cultura Colima do México (100 a.C. – 250 d.C.).
- Vaso sacrificial ligeiramente troncocónico, em cerâmica, com decoração relevada, atribuído à cultura Palenque (Maia) do México (250-450 d.C.).
- Vaso cilíndrico em cerâmica com decoração policromada, atribuído à cultura Maia do México (550-950 d.C.).
- Vaso ritual rectangular em forma de caixa com gargalo e abertura circular na “tampa” em cerâmica policromada, atribuído à cultura Michoacan dos Incas do Peru (1200-1400 d.C.)¹⁰.

⁸ Cf. Jorge Pinto, 2002, p. 143-147. Nas páginas 146 e 147, na legenda dos corpos mumificados deverá ler-se Peru e não México. Ver também Paz Cabello, 2005, p. 552-579, entretanto publicado.

⁹ E não sul-americanas, como se diz em *Tesouros do Museu da Farmácia*, na p. 40, pois o México situa-se na América Central ou, se quisermos, no Sul da América do Norte. Só o Peru é sulamericano. Mesmo os Maias tiveram o seu centro difusor na Península do Iucatão, na América Central, hoje partilhada pelo México, Guatemala e Belize. Sobre as denominações destas culturas ver, neste artigo, o capítulo primeiro.

¹⁰ A classificação das peças foi feita por Maria Helena Coimbra.

3.3. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

O próprio Museu Nacional de Arqueologia, situado no mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, fundado em 1893 com o nome de Museu Etnológico de Belém por José Leite de Vasconcelos, embora não seja essa a sua vocação, possui, entre outras coleções de arqueologia mundial, um pequeno núcleo pré-colombiano, parcialmente já estudado pela Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira em 1985, no caso duas pequenas cabeças em terracota que pertenceram a António Joaquim Júdice «e que se tornaram pertença do Museu ...». Tendo sido dadas como tartéssicas, a autora atribui uma à cultura olmeca-totonaca, talvez do apogeu de Teotihuacã III, 200-300 d.C., período Clássico Antigo do México Central; a outra à cultura Zapoteca-mixteca de Monte Albã IIIb, «entre 800 e 950 d.C. ou período Clássico Recente do Planalto mexicano, região de Oaxaca...» ou mesmo de níveis zapotecas da mesma cidade, o que corresponde a 600 d.C. (M. A. Horta Pereira, 1985, p. 197-206)

Porém neste Museu existem mais quatro pequenas terracotas obtidas por molde, duas delas de formato circular e iguais (fig. 1 e 2; n.º inv. 2006.41.1 e 2006.41.2, respectivamente), representando uma cabeça masculina toucada com um *cocar*, e duas outras de alçado rectangular (fig. 3 e 4; n.º inv. 2006.41.3 e 2006.41.4, respectivamente), uma delas com base de apoio e bastante recortada, parecendo representar uma divindade, e a outra uma figura também toucada, sentada e com as mãos sobre os flancos, apresentando vestígios de fogo em toda a superfície, enquanto as anteriores apenas os apresentam em pequenas áreas.

Não se sabendo a sua proveniência ou condições de achamento, só o método comparativo poderá levar à sua identificação cultural e cronológica: provisoriamente, e avaliando sobretudo a peça mais elaborada, faz-nos a mesma lembrar a estética inca estilo sican (1200-1400), enquanto a peça mais “queimada” lembra antes algumas figuras da Colômbia, mais antigas. Contudo a pervivência estilística nas terracotas populares durante séculos é um dado sobejamente conhecido para que possamos ser conclusivos nesta tentativa de identificação¹¹.

3.4. Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

É porém na cidade do Porto, no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, que se encontra o maior espólio pré-colombiano existente em Portugal.

¹¹ Veja-se, a propósito dessa persistência cultural, a nível mundial, o nosso trabalho J. A. G. Guimarães, 1997, p. 24-41.

Este Museu foi criado pelo decreto de 19 de Abril de 1911 que transformou a Academia Politécnica do Porto em Faculdade de Ciências, com uma escola anexa de Engenharia. Em 1922, em conjunto com o Gabinete e o Laboratório de Antropologia, é elevado à categoria de Instituto de Antropologia, recebendo mais tarde o nome de Mendes Corrêa, em homenagem ao professor que durante décadas o dirigiu e lhe deu prestígio nacional e internacional (J. A. G. Guimarães, 1995, p. 68-69).

Em tempos recentes o Museu passou a ter a designação que acima se imprime.

Sobre os povos pré-colombianos o próprio professor Mendes Corrêa publicou pelo menos dois trabalhos (1948¹² e 1949):

Em 1925 tinha mesmo elaborado uma interessante teoria para um possível povoamento da América do Sul a partir da Austrália via Antárctida, com entrada pela Patagónia no seu artigo «As primeiras migrações humanas», 1925, e em «La dispersion de l'homme à la surface terrestre», 1926, depois refundidos em *Homo - os modernos estudos sobre a origem do homem*, onde na p. 230 publica um mapa ilustrativo desta teoria, a qual, de tempos a tempos é reconsiderada por outros autores com novas achegas científicas. Publicou também vários trabalhos sobre antropologia brasileira¹³.

Pois este Museu possui um total de 81 peças, sendo 50 provenientes da Colômbia, 29 do México, 1 da Costa Rica e 1 da Nicarágua, portanto a maior colecção portuguesa conhecida¹⁴.

Entre as peças colombianas encontram-se taças, vasos e pratos, estatuetas antropomórficas, discos com faces humanas, sinetes cilíndricos, pesos de tear, assobios, cinzeiros e martelos de pedra polida e ainda outros objectos variados.

Por sua vez o espólio mexicano, para além de taças, púcaros e vasos, possui várias estátuas e estatuetas, estátuas de divindades aztecas, um assobio, um machado de pedra polida.

Tanto a Nicarágua como a Costa Rica estão representadas por um “pé de tripode”.

Todas estas peças estão inéditas não existindo, por isso mesmo, sobre elas qualquer bibliografia.

¹² Também publicado nos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XXXII, 4, do mesmo ano, e depois republicado no volume *Antropologia e História*, 1954, p. 167-194.

¹³ Uma bibliografia não completa, mas mesmo assim útil, sobre os trabalhos de António Augusto Mendes Correia, pode ser vista em Adriano Eiras, coord. 1989, p. 78 e segs.

¹⁴ Listagem fornecida pelo próprio Museu por ofício de 26 de Julho de 2003, que muito agradecemos.

CONCLUSÕES

Apresentadas aqui sumariamente estas colecções, nada nem ninguém me garante que sejam as únicas pré-colombianas existentes em Portugal. É possível que algumas mais existam nas reservas de colecções públicas ou mesmo privadas. Vamos continuar a procurá-las.

Mas podemos concluir, por agora, que em Portugal existe muito mais espólio pré-colombiano do que aquele que inicialmente poderíamos imaginar: se somarmos as peças de todos estes museus temos mais de cem, as quais incluem corpos ou partes de corpos humanos mumificados, cerâmicas, tecidos, objectos em pedra, osso, metais e madeira.

Não conseguimos ainda descobrir qualquer documento ou representação pictórica, o que também não quer dizer que não existam.

Claro que nem todos estes objectos têm o mesmo valor cultural e alguns levantam mesmo sérios problemas de datação e de proveniência. Mas com eles pode fazer-se uma significativa exposição sobre os povos pré-colombianos da América Central e da Costa ocidental da América do Sul.

Em termos cronológicos eles abrangem um período que vai, pelo menos, do século II d.C. ao século XV, sendo possível que o seu estudo detalhado venha ainda a alargar estes horizontes. Em termos geográficos eles abrangem toda a Mesoamérica e uma franja do Perú até ao paralelo de Lima. Ao todo são cerca de uma dezena de culturas principais, e alguns dos seus ramos, que estão representados neste elenco de peças.

Mas, para além do enorme interesse arqueológico e patrimonial que uma mostra destas teria, as reflexões que a mesma pode originar vão muito mais além; recordemos, por exemplo, que há na cerâmica nacional alguns aspectos que merecem um confronto analítico com as cerâmicas pré-colombianas. Um deles é a origem das moringas, nomeadamente as de asa-bocal em estribo e com um só gargalo: serão elas realmente de influência mesoamericana ou pré-colombiana? E que vias percorreram até chegarem, por exemplo, a Nisa e a Estremoz?¹⁵. Um outro é o das vasilhas cerâmicas figuradas: qual foi realmente, neste e noutros aspectos, a influência das cerâmicas do Novo Mundo na cerâmica portuguesa e europeia pós-colombiana? E o figurado? É realmente universal, ou cada época e cada povo têm as suas “Rosas Ramalhos”? E serão sempre votivos os bonecos de barro? Ou lúdicos como brinquedos de crianças?¹⁶. E as peças-fruta, ou peças-

¹⁵ A este propósito veja-se o trabalho de, Carla Cristina Teixeira Pinto, p. 30-32.

¹⁶ Sobre este assunto ver Guimarães 1997, *op cit.*, nota 16 e Paulo Castro Seixas e Paulo Providência, 2002.

-legumes, de Rafael Bordalo Pinheiro foram inspiradas pela cerâmica mochica, chimu, ruaca ou nazca, ou foi coincidência de propósitos e de estéticas? (cf. Margaret A. Towle, 1961 e Irisalva Moita, 1985, p. 7 e segs). E afinal a roda baixa ou o torno alto são ou não essenciais para uma boa olaria? Qual a razão porque uns povos preferem a louça cozida em forno oxidante e outros em ambiente redutor? Por mera questão tecnológica? Apenas por questão estética?¹⁷. Meia dúzia de análises que podem muito bem ser suscitadas pela exposição sugerida.

Em última instância uma mostra destas tem ainda um enorme interesse para as Artes Decorativas e as “Belas Artes”: muita arte contemporânea, pós-naturalista, deve influências às estéticas pré-colombianas: os pintores portugueses Joaquim Rodrigo e José de Guimarães serão, ou não, exemplos assumidos de algumas dessas influências?

Definitivamente a Arqueologia, mesmo tão marcada pela geografia e pela nossa situação de europeus, como a pré-colombiana, não é de modo algum a fossilização da memória, mas um permanente desafio ao rio do saber que vai não se sabe muito bem para onde, como o não souberam Colombo ou Moctezuma. Nós, que hoje sabemos o desfecho dos episódios que protagonizaram, e lhes conhecemos as marcas, queremos apenas que o rio corra e, neste caso, que a Arqueologia pré-colombiana existente em Portugal se mostre.

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer às seguintes pessoas e entidades os contributos para este trabalho: Profs. Doutores Luís Raposo, do MNA; José Morais Arnaud, do MAC; Frederico Sodré Borges, do MHNFCUP; Drs. António Huet Bacelar Gonçalves do MHNFCUP; Manuela Coutinho, do MSGSL; João Neto do MF; Maria Isabel Silva, do MRADDs; e à Margarida Cunha do SCR a infografia do texto.

¹⁷ Veja-se as questões levantadas a estas cerâmicas em *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Luís de (1985) – Terra Nova. In *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. Vol. II. p. 284.
- AREIA, M. L. R. de; MIRANDA, M. A.; HARTMANN, T. (1991) – *Memória da Amazônia—Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas capitâneas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá 1783-1792*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico da Universidade. Textos e catálogo.
- BRITO, J. P. de, coord. (2000) – *Os Índios, nós*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- CABELLO, P. (2005) – América Pré-Colombiana. Precedentes e contexto In *Construindo a Memória. As coleções do Museu do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 552-579.
- CORRÊA, A. A. M. (1925) – As primeiras migrações humanas. In *Dyónysos*. Porto, 2, p.10-13.
- CORRÊA, A. A. M. (1926) – La dispersion de l'homme à la surface terrestre. In *Scientia*. Bolonha. 28, p.211-225.
- CORRÊA, A. A. M. (1926a) – *Homo – os modernos estudos sobre a origem do homem*, 2ª edição. Porto: Atlântica. 300 p.
- CORRÊA, A. A. M. (1948) – *Ameríndios*. Porto: Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto. 27 p.
- CORRÊA, A. A. M. (1949) – La posicion sistemática de los Ameríndios. In *Homenaje a Don Luís de Hoyos Sáinz*. Madrid: s/e, p. 217-219.
- DIAS, J. R., coord. (1991) – *Brasil nas vésperas do mundo moderno*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- EIRAS, A., coord. (1989) – *Faculdade de Letras do Porto 1919-1931: Contribuição bibliográfica para a sua História*. Porto: Biblioteca Pública Municipal. 228 p. Catálogo.
- AS GRANDES descobertas da Arqueologia, (1996). Barcelona: Planeta-De Agostini. Vol. 10. 320 p.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1995) – A Escola de Antropologia do Porto e os estudos pré-históricos em Portugal. In *Revista de Ciências Históricas*. Porto. Vol. X, p. 68-69.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1997) – Bonecos de barro provenientes de escavações arqueológicas em Vila Nova de Gaia. In *Actas do 2º Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. 1996. Matosinhos: Câmara Municipal; Gabinete Municipal de Arqueologia e História. p. 24-41.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1998) – Museus locais públicos e privados, tradição e inovação. Análise de um século de museologia em Vila Nova de Gaia. *Africana* Porto. N.º 5 especial. p. 35.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2001) – Que Arqueologia para Cabo Verde? *Africana* Porto. N.º 6 especial, p. 127-139.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2002) – O papel chinês e o papel ocidental. A propósito da exposição “A Maravilhosa Arte dos Papeis Recortados Chineses” no Solar Condes de Resende. *Africana*. Porto. 25, p. 108-109.
- A LOUÇA preta em Portugal: olhares cruzados. (1997). Porto: CRAT.
- MARTINS, A. C. N. (2002a) – O Museu Arqueológico do Carmo. O elogio da memória. In *Museu Arqueológico do Carmo-Roteiro da exposição permanente*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 31. Catálogo.

- I MOCHE. *Un antico popolo del deserto peruviano* (1993). Roma: Museo Nacional Prehistórico e Etnográfico Luis Pigorini. 28 p. Catálogo.
- MOITA, Irisalva (1985) – A Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. In *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Câmara Municipal, p. 7 e segs.
- MUNDOS del Pasado. *The Times Atlas de Arqueologia* (1994). Barcelona: Plaza & Janés Editora. 320 p.
- MUSEU Arqueológico do Carmo – Roteiro da exposição permanente. (2002). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 152 p.
- NOBILI, C., coord. (1993) – *Prima América. Gli oggetti americani nelle "Camere delle meraviglie"*. Roma: Museo Nacional Prehistórico e Etnográfico Luis Pigorini. 40 p. Catálogo.
- NOBREZA de Portugal e do Brasil, vol. III (1989). Lisboa: Editorial Enciclopédia. 766 p.
- PEREIRA, A. S. S. (1995) – *Mundurukus, Carajás e outros Índios do Brasil na Coleção Marciano Azuaga*. Vila Nova de Gaia: Solar Condes de Resende.
- PEREIRA, M. A. H. (1985) – Duas terracotas da época clássica mexicana no Sotavento Algarvio. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 3, p. 197-206.
- PINTO, C. C. T. (1995) – *A Coleção de Cerâmica Popular da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique. p. 30-32. Seminário de licenciatura em Ciências Históricas – ramo Património, orientado por J. A. Gonçalves Guimarães.
- PINTO, J. (2002) – Núcleo Pré-colombiano. In *Museu Arqueológico do Carmo – Roteiro da exposição permanente*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 143-147.
- SCATAMACCHIA, M. C.; OOSTERBEEK, L. M., coord. (2000) – *Entre o espanto e o esquecimento: Arqueologia das Sociedades Brasileiras antes do Contacto – Guia da Exposição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Associação Brasil+500.
- SEIXAS, P. C.; PROVIDÊNCIA, P. (2002) – *Figurados – Uma visão do mundo*. Barcelos: Câmara Municipal. Catálogo de Exposição do Museu de Olaria.
- TESOUROS do Museu da Farmácia (2001). Lisboa: Associação Nacional das Farmácias. 76 p. Catálogo.
- TOWLE, M. A. (1961) – *The Ethnobotany of Pré-Columbian Peru*. Nova Iorque: Wener-Gren Foundation. 180 p.



Fig. 1 – Terracotas pré-colombianas. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n.º inv. 2006.41.1 e 2006.41.2).



Fig. 2 – Terracotas pré-colombianas. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (n.º inv. 2006.41.3 e 2006.41.4).